

O imponderável

Ivan Moura Silva¹

1

O quarto parece já fazer parte de mim, assim como o bebê acredita que é parte da mãe. Quando estou longe do quarto preciso voltar logo e me acomodar na cama, onde tenho quase tudo que preciso e de onde só saio para o estritamente necessário. Pensava que o trabalho era uma dessas coisas, tanto que cheguei a arrumar empregos em alguns locais diferentes, todos muito movimentados, e que me faziam gastar horas em transporte público, também sempre lotado, para me levar a esses empregos que detestava, não tanto pelo trabalho em si, mas pelo fato de ter que dar satisfações aos chefes, ajudar colegas novos, frequentar pequenas reuniões. Então eu tive a oportunidade de trabalhar em casa, fazendo quase a mesma coisa que fazia antes, mas sem o transtorno de ter que ir ao trabalho e enfrentar toda aquela gente. As satisfações passaram a ser por e-mail, o contato com os colegas pelo celular, por mensagens de texto.

Assim pude otimizar meu tempo de trabalho, já que eu mesmo passei a controlar meus horários, o que poderia ser um problema para alguém displicente, mas para mim era de fato o ideal. Cumpria rigorosamente meus horários, com a grande vantagem de não ter que acordar cedo, já que eu sempre tive problemas para dormir, o que era outro empecilho para um emprego normal em horário comercial. Mas como em casa poderia acordar mais tarde, o trabalho passou a ser mais produtivo, pois não ficava mais com o sono que me atrapalhava antigamente. Planejei também ocupar o tempo que sobrava, por não depender mais do trajeto até o trabalho, com coisas mais interessantes, como a leitura de livros. Estabeleci que esses horários seriam ocupados com coisas úteis, mas para isso funcionar eu teria que fazer a mesma coisa no dias seguintes, até que se

¹ Mestrando em literatura e crítica literária pela PUC-SP. Bolsista CAPES. Email: Ivan_moura09@hotmail.com

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

tornasse hábito. O problema é que decidi aproveitar o primeiro tempo livre de uma forma ociosa, para descansar um pouco e pensar em projetos que eu tinha para o futuro, entre eles meu plano de ser escritor, para o qual eu vinha me preparando já há algum tempo. Mas esse tempo ocioso acabou se tornando hábito, pois meus projetos eram tão interessantes que eu continuava planejando nos outros dias e não apenas no primeiro dia ocioso. Quando me dei conta de que estava com o tempo ocioso, tentei corrigir o problema e ler um livro, mas o esforço que isso exigia era tão grande que eu logo o largava, prometendo retomar mais tarde ou no dia seguinte, de modo que pudesse iniciar uma rotina verdadeiramente produtiva. Mas no dia seguinte fazia a mesma coisa e o ócio passou a fazer parte do cotidiano, horas deitado na cama sem fazer absolutamente nada, planejando o enredo do livro que eu iria escrever, o que na verdade se limitava a pensar num mesmo tema, a história de uma família instável que desmoronava pouco a pouco, mas sem avançar nas ideias, sem pensar de que forma ela se desmoronaria ou o que caracterizava essa instabilidade. O que pude salvar desse ócio foi o horário que eu me acostumei com leitura, nos intervalos entre um trabalho e outro, já que no começo eu havia decidido que não gastaria nenhuma hora ociosa por dia e para isso eu teria que ocupar até mesmo o horário de descanso que eu mesmo estabeleci, o que de fato foi feito no primeiro dia de trabalho e que permitiu minha hora diária de leitura.

Mas o hábito é importante também para o estritamente necessário que está do lado de fora do quarto. A alimentação, por exemplo, preciso cuidar para que não saia do normal, pois isso poderia ser prejudicial de diversas formas, como no dia em que deixei de comer a fatia de pão que completaria a quantidade certa do café da manhã. Há algum tempo que havia me acostumado a comprar o mesmo tipo de pão no mercado, o que me deixava irritado quando não o encontrava e tinha que improvisar com algum parecido, ainda que isso tenha ocorrido poucas vezes, pois quase sempre encontrava a mesma quantidade desse pão na prateleira, faltando apenas o que eu mesmo havia comprado no dia anterior. Mas nesse dia eu deixei de comer a última fatia, o que me fez pensar em voltar imediatamente para a cozinha e comê-la, mas acabei não fazendo, talvez para mostrar a mim mesmo que não precisava dela.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Foi o dia menos produtivo do ano. Passei o tempo todo pensando no que não tinha feito e imaginando o que poderia acontecer, pois geralmente a fuga do hábito trazia alguma consequência. O que veio primeiro foi uma pontada de dor de cabeça, o que não era muita novidade, pois sempre tive dores de cabeça, mas conseguia controlá-las com doses diárias de remédios, na mesma quantidade e horário, que acabava prevenindo a dor ou diminuindo seu efeito. Mas nesse dia a pontada anunciava que a dor seria muito mais forte, o que me fez aumentar a dose de remédios, ainda que isso me causasse incômodo. Acreditei que não haveria mais problemas, mas a verdade é que o remédio não teve efeito e passei a revisar os textos no computador com muita dificuldade, o que me fez ficar preocupado com a qualidade do serviço, se estava fazendo o trabalho direito, se estavam passando erros grosseiros que poderiam prejudicar meu emprego, me fazer passar por ridículo por não conseguir fazer o trabalho que mesmo um iniciante faria. O ridículo passou a ser inevitável, era questão de tempo, e pensei seriamente em não continuar trabalhando nesse dia, o que me fez criar um conflito ético, pois se eu enviasse os arquivos sabendo que eles continham erros eu poderia prejudicar o trabalho de toda a empresa, mas se eu resistisse e deixasse pra fazer o trabalho no dia seguinte eu teria que lidar com um dia inteiro sem fazer o que estava acostumado, o que sem dúvida seria a escolha ética a se fazer, mas exigiria um grande esforço da minha parte. O conflito se tornou um dilema e eu passei as próximas horas oscilando entre fazer ou não fazer o trabalho, a dor de cabeça aumentando, uma fraqueza logo depois da tontura, o corpo suado, a tela do computador queimando minhas vistas, que foram ficando turvas e mal podiam enxergar as letras.

2

Esse tipo de perturbação, criada por meu próprio erro, deixou de existir, pois aprendi com a lição. Mas o problema é quando a perturbação vem de algo exterior. Às vezes acontece, a imponderável dependência de uma ação alheia, que me impede de continuar realizando minhas tarefas cotidianas, já que minha atenção se volta toda para essa ação,

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

o que é talvez a única forma de meu pensamento estar todo num lugar só, pois durante minhas atividades não preciso dedicar tanta atenção para cada uma delas, podendo realizá-las automaticamente. É o que eu planejava fazer naquele dia, quando marquei de receber uma entrega ao meio dia, horário que, embora perturbasse um pouco minha rotina, não chegaria a comprometer todo meu dia, de modo que eu teria que adaptar apenas um pequeno intervalo entre o “café da manhã” e o trabalho.

O demônio começou a agir quando recebi uma mensagem às dez da manhã, horário em que eu ainda deveria estar dormindo, o que me fez lê-la já com uma irritação que aumentou quando entendi que ele perguntava se poderia antecipar a entrega para as onze, pois já estava próximo da minha casa, ao que eu acabei respondendo que sim, mais pra voltar a dormir do que por concordar com aquela mudança repentina. Mas não pude dormir mais, fiquei pensando que já estava quase na hora de ele chegar, calculando se conseguiria acordar a tempo, mas muito mais preocupado com as consequências desse tempo em que eu deixaria de dormir, imaginando que eu não conseguiria trabalhar direito e poderia até perder meu dia para ajudar alguém que não mereceria ajuda, pois cumprir com seu horário era apenas sua obrigação. Quando deu onze horas, fiquei na porta esperando o homem chegar, mas ele não apareceu pontualmente às onze, o que já era um desaforo, pois aquela mudança foi proposta por ele mesmo, mas ele também não apareceu nos próximos cinco minutos, eu já ficando cansado de esperar em pé, querendo já começar a fazer minhas coisas, de modo que decidi esperar só mais cinco minutos. Voltei pro meu quarto, sem que ele tivesse aparecido, vi no celular que não tinha mensagem explicando o motivo do atraso, nenhuma satisfação, ao que decidi eu mesmo perguntar que horas ele viria, tendo que me conter pra não dizer alguns desaforos.

Quando era meio dia, o horário que ele deveria realmente ter ido, ainda não tive nenhuma mensagem de resposta, já tinha passado o horário do meu café da manhã, eu já estava a ponto de desmarcar o compromisso, mas lembrei que não podia fazê-lo, pois dependia do que ele iria me entregar, de modo que o que fiz foi esperar, na

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

impossibilidade de iniciar minhas tarefas enquanto ele não chegasse. Deu uma hora, eu já tinha me deitado novamente, pois imaginei estar sentindo uma fraqueza, e também pra simular o tempo de sono que eu havia perdido, o que, feito fora do horário, não servia de muita coisa, mas era uma tentativa de enganar a mim mesmo, enquanto eu pensava o que poderia ter acontecido, cogitando a possibilidade de ir tomar meu café de qualquer forma, pra tentar minimizar os problemas que eu teria. Foi quando recebi a mensagem de resposta, que dizia apenas “me enrolei, já chego aí”, o que me deixou em quase desespero, pois sua mensagem não esclarecia absolutamente nada, não sabia que horas realmente ele chegaria, se bem que a mensagem sugeria uma iminência de sua chegada, o que não significava muita coisa, pois já não confiava nele, de modo que essa “iminência” poderia ser cinco minutos ou cinco horas. Mas a raiva que eu sentia me encorajou a levantar e ir tomar meu café, de modo que se ele chegasse nesse período ele que esperaria, assim como eu tive que esperar tanto tempo, o que eu fiz, não sem ficar preocupado com o horário, olhando no celular se tinha alguma mensagem de “cheguei”, mas não teve nada, tomei meu café com pressa, voltei pro quarto, e nada do homem chegar.

Escrevi outra mensagem, que era pra ser mal educada, mas que acabou saindo como “preciso saber que horas você vai vir”, mas que também não foi respondida. Eu peguei o computador e tentei trabalhar, já preocupado com o atraso, mas ainda imaginando uma forma de salvar o dia, pois se eu tinha conseguido tomar o café eu poderia também trabalhar enquanto esperava, mas não consegui me enganar por muito tempo, não conseguia parar de pensar no maldito homem, o que me fez desistir de trabalhar enquanto ele não chegava. Inicialmente calculei uns trinta minutos de atraso, o que, somado ao tempo que eu já havia perdido, já dava mais de uma hora e meia de trabalho perdido, mas eu tentei ser o mais otimista possível, calculando a forma como eu iria repor o trabalho não realizado. Mas esses trinta minutos não bastaram, nunca bastavam, o homem nem chegava nem respondia, o que me fez recalcular o tempo pra uma hora, talvez duas, mas já cogitando a possibilidade de perder a metade do tempo de trabalho. A possibilidade era real, mas o curioso é que a ideia de perder o dia inteiro de trabalho,

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

ideia que eu já tinha tido pela manhã, não me veio à mente nesse momento, o que eu queria mesmo era encontrar um jeito de adaptar o desastre do atraso à minha rotina, como se não quisesse admitir que não podia controlar sempre o tempo, como se não quisesse receber o imponderável que me batia à porta.

Ele não veio na próxima hora, nem na hora seguinte, nem deu alguma explicação, o que me fez desistir de vez do dia, não só do dia de trabalho, mas do dia como um todo, porque a essa altura me restava ficar na cama e torcer para a febre não piorar, para a tontura diminuir, para tudo parar de girar, para eu ter força de levantar e aumentar a dose de remédios, assim como tive de ir aumentando a dose gradativamente durante a vida, quando dose habitual não fazia mais efeito, o que exigia um novo período de adaptação com a nova dose, criando um medo de estar exagerando nos medicamentos, de repente ter um ataque de overdose, sem ter quem me socorresse, meu corpo estendido pela cama, medo que só diminuía depois de um tempo, quando podia enfim tomar o remédio como qualquer outro, diferente de agora, em que já não sabia se deveria arriscar a tomar mais um, calculando se não deveria esperar que a noite de sono ajudasse um pouco, embora eu não tivesse mais noção de quanto tempo faltava para acabar o dia.

A única coisa que pude aproveitar desse dia foi a ironia, pois o objeto que estava aguardando tinha relação com tudo isso que eu estava passando, uma caixa de calmante, sem o qual eu não podia dormir, daí também a dependência que eu passei a ter do próprio homem que deveria me entregar o remédio, assim como eu dependia dele para dormir, do homem ou do remédio, não sei de quem eu dependia mais. Não sei muito bem como eu fui receber o homem, estava tudo escuro, ele disse que estava todo enrolado aquele dia, perguntou alguma coisa sobre minha aparência, se eu estava bem, se eu acordava aquele horário mesmo, ele já estava acostumado com pessoas que não conseguiam dormir, disse que não tinha problema, mas demorou a eternidade para abrir o porta-malas, retirar o medicamento, entre outros tantos medicamentos, e me desejar bom descanso.

Mas felizmente essa dependência de algo exterior é cada vez menor, pois eu mesmo passei a eliminar as contingências que surgiam. No caso do medicamento, por exemplo, eu poderia comprar mais de uma caixa ao mesmo tempo, mas ainda assim teria que receber o homem pelo menos uma vez. O que fiz, então, foi passar a comprá-las na farmácia, o que é o óbvio, mas o que não fazia antes pelo fato de as consultas com o psiquiatra serem muito caras. Mas é melhor gastar um dinheiro a mais do que sofrer a dependência de alguém. E assim eu consigo fazer as coisas se adaptarem a mim, tanto quanto eu preciso me adaptar a elas. Dessa forma, eu estabeleci uma relação estável com as coisas, mesmo sabendo que não posso controlar todas as variáveis. Mas essa estabilidade se deve ao fato de que o imponderável, quando surge, já não pode me atingir como antigamente, pois ou ele ocorre numa situação irrelevante, ou eu encontro um jeito de diminuir seus efeitos numa situação mais complexa.

Minha tia, por exemplo, me convidou para o casamento da filha dela, a prima Vivi, exigindo minha presença a qualquer custo, já que ela dizia estar há “um século sem me ver”. A festa era no fim de semana, eu fiquei pensando numa desculpa para dar a ela, mas ao mesmo tempo pensando que deveria realmente ir, não apenas porque seria uma desfeita minha ausência, mas porque eu cheguei a pensar que mesmo eu deveria ter alguma forma de sociabilidade. Passei a semana pensando que deveria ir, o que não chegou a atrapalhar minha rotina, pois eu não havia firmado compromisso nenhum. Mas isso só foi possível porque minha experiência com compromissos me alertou que eu não deveria responder ao convite da minha tia de imediato, de modo que eu disse a ela que retornaria a ligação para confirmar. Na prática isso também era um compromisso, mas era um compromisso simples de ser realizado, o que não me causaria transtornos, pois eu poderia ligar em qualquer momento, podendo aguardar o horário mais adequado.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Quando faltavam dois dias para o casamento, eu cheguei à conclusão de que não precisaria ligar, era só chegar à festa no caso de eu querer ir, além do que ela deveria estar ocupada com outras coisas e fiquei com medo de atrapalhá-la. Decidi não ligar, mas precisava tomar uma decisão, se ia ou não, porque até então eu não tinha descartado a possibilidade de ir mesmo. Só fui descartar a hipótese na véspera do casamento, quando eu pensei na quantidade de pessoas que estariam lá, nas inúmeras perguntas que seriam feitas a mim, se eu estava bem, o que eu estava fazendo da vida, como estava a vida no apartamento. Não iria de forma alguma, mas fiquei preocupado com o que as pessoas pensariam de mim, da desfeita que aumentava com a atenção especial que minha tia deu a mim. Eu tinha que fazer alguma coisa, mesmo porque eu já estava começando a me sentir mal, com dificuldade em fazer minhas coisas, o que me fez tomar a decisão antes de minha situação piorar.

O que fiz foi ir a uma loja no centro da cidade, logo depois de terminar meu trabalho, e escolher um presente que pudesse compensar a minha ausência. Eu sabia que isso não compensaria de fato minha ausência, mas era o que eu poderia fazer, o que me fez sentir orgulhoso por estar me esforçando tanto para resolver o problema, já que nesse horário eu deveria estar em casa no conforto da minha cama. Só faltava uma forma de fazer o presente chegar até a casa da minha tia, depois eu ligava pra falar que tinha tido algum problema, estava doente, não sei, ela acreditaria, pois o presente indicaria que eu realmente planejava ir. Foi então que eu tive a ideia de mandar a loja entregar o presente em casa, mas para isso não poderia ser um presente simples, tinha que ser algo que justificasse a necessidade de entrega. Perguntei pra moça da loja se era possível fazer uma entrega para o dia seguinte, ao que ela respondeu que ficaria mais caro. Eu não gostava de gastar, mas não tinha outra opção. Além disso, eu não queria que aquela sensação boa de orgulho desaparecesse. Comprei o presente. Voltei pra casa sentindo que eu estava realmente com minha vida sob controle, as preocupações no lugar irrelevante onde deveriam estar, o imponderável cada vez mais distante.

Eu recebi a ligação no começo do dia, quando ainda estava me preparando pra levantar. Não pude trabalhar, nem tomar o café da manhã, só pensava no que iria fazer dali pra frente, se é que ainda tinha alguma coisa pra ser feita. Um princípio de desespero. Era minha mãe no telefone. Ela dizia que queria conhecer meu apartamento, voltar a me ver, já que eu não ia pra casa há muito tempo, e disse que viria passar as festas de fim de ano comigo. Ela traria também outros familiares. Faltavam dois dias pro Natal, ela estava pra vir já no dia seguinte, não tive tempo de pensar em nada que pudesse fazer, nenhuma desculpa que poderia dar, nenhum plano pra lidar com o imprevisto. Ela passaria pelo menos uma semana comigo, trazendo sei lá quem, o que me faria ter que rever toda minha rotina, já que meus horários são muito específicos, ninguém acorda na hora que eu acordo, ninguém faz as coisas no horário que eu faço, ninguém segue uma rotina tão rigorosa quanto a minha.

Não tinha o que fazer. Mesmo que eu tentasse dar alguma desculpa, ela viria do mesmo jeito, pois já sabia que eu tentaria evitar o encontro, tanto é que ela começou a conversa dizendo “nem adianta fugir”. Eu já não gostava de festas, mas as festas de fim de ano costumavam se prolongar como se fossem uma única festa, como se na semana do natal e do ano novo não houvesse outra coisa, estando todos os dias condenados àquela desordem própria das festas, os horários todos invertidos, as tarefas diferentes a cada dia, isso quando não se deixava as tarefas para o dia seguinte, para aproveitar a festa, deixando a pilha de louça por lavar, os objetos inevitavelmente fora do lugar pelo fluxo contínuo de pessoas, a alimentação diferente a cada dia, muitas vezes tendo que aproveitar as sobras do dia anterior pela falta de planejamento. A semana que parecia um único dia, mas um dia em que se dormia várias vezes, em horários diferentes, um dia em que as conversas se multiplicavam, cada hora com uma pessoa diferente, tendo que encontrar assunto sei lá de onde pra não deixar as visitas sem graça, pra não parecer antipático, não podendo ficar na cama, sem saber que horas iria dormir, se é que iria dormir, sem saber o que preparar para as visitas, embora minha mãe tivesse falado que

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

iria trazer algumas coisas, que não precisava me preocupar, que cuidaria de tudo, enquanto eu só precisaria dar atenção às visitas. Só dar atenção às visitas!

Acho muito provável que minha mãe não tivesse me avisado antes, porque sabia que eu tentaria dar um jeito de escapar. Não pude enrolar como fiz com minha tia, mas tive que dizer que sim, que poderiam vir, que eu esperaria, acordaria cedo pra receber as visitas, faria tudo o possível pra ser bem comunicativo, falaria da minha vida sem frescuras, contaria o que tenho feito ultimamente, seria simpático e não como era nas outras festas, ela fazia questão de lembrar, como se ela quisesse mudar uma vida inteira em alguns dias. Eu me comprometi com tudo isso, sim, e também com muitas outras coisas, que estavam implícitas, porque não dava pra falar tudo por telefone, e tinha coisa que nem dava pra falar mesmo, ainda que fosse pessoalmente, eu me comprometi com coisas que estavam tão ocultas que nem ousariam chegar à consciência, nem poderiam passar por tantas camadas de proteção criadas ao longo do tempo, e que atingiram uma complexidade tão grande que já nem podia dizer o que era camada e o que era eu mesmo, ou sei lá que termos teria que usar pra descrever tudo isso, pois talvez nem a psicanálise pudesse explicar um caso tão excepcional como o meu, nem eu queria explicação, nem eu queria mudança, nem eu queria encontrar de novo ninguém, nem eu queria retorno a lugar algum, e, no entanto, eu me comprometi com tudo isso!

Quando percebi já era manhã. Eu estava com uma sonolência, mas que me permitiu levantar e sair pela rua, a cabeça pesada, mas ainda podendo ver as coisas. Comecei a andar pela rua, esperando passar o tempo, mas o resultado da noite anterior já aparecia, uma pequena tontura, a visão que começava a ficar turva, a febre que aumentava. Eu continuei andando, os sintomas foram piorando, até o ponto em que já não podia ver nada, estava tudo escuro, mas continuava andando, procurando um lugar pra deitar.

Recebido em: 01/03/2017

Aprovado em: 12/04/2017